

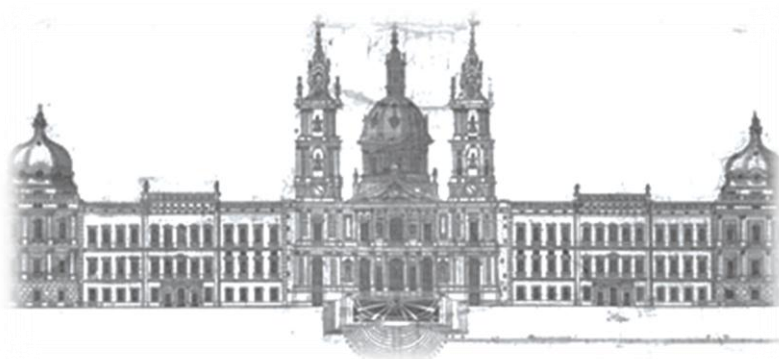
## Teste Escrito de Português

12.º ano B

junho de 2013

## Grupo I

Leia o texto a seguir transcrito.



“De Montemor a Évora não vão faltar trabalhos. Voltou a chover, tornaram os atoleiros, partiram-se eixos, rachavam-se como gravetos os raios das rodas. A tarde caía rapidamente, o ar arrefecia, e a princesa D. Maria Bárbara, que enfim adormecera, auxiliada pelo torpor emoliente dos caramelos com que aconchegara o estômago e por quinhentos passos de estrada sem buracos, acordou com um grande arrepio, como se um dedo gelado lhe tivesse tocado na testa, e, virando os olhos ensonados para os campos crepusculares, viu parado um pardo ajuntamento de homens, alinhados na beira do caminho e atados uns aos outros por cordas, seriam talvez uns quinze.

Afirmou-se melhor a princesa, não era sonho nem delírio, e turbou-se de tão lastimoso espetáculo de grilhetas, em véspera das suas bodas, quando tudo devia ser ledice e regozijo, já não chegava o péssimo tempo que faz, esta chuva, este frio, teriam feito bem melhor se me casassem na primavera. Cavalgava à estribeira um oficial a quem D. Maria Bárbara ordenou que mandasse saber que homens eram aqueles e o que tinham feito, que crimes, e se iam para o Limoeiro ou para a África. Foi o oficial em pessoa, talvez por muito amar esta infanta, já sabemos que feia, já sabemos que bexigosa, e daí, e vai levada para Espanha, para longe, do seu puro e desesperado amor, querer um plebeu a uma princesa, que loucura, foi e voltou, não a loucura, ele, e disse, Saiba vossa alteza que aqueles homens vão trabalhar para Mafra, nas obras do convento real, são do termo de Évora, gente de ofício, E vão atados porquê, Porque não vão de vontade, se os soltam fogem, Ah. Recostou-se a princesa nas almofadas, pensativa, enquanto o oficial repetia e gravava em seu coração as doces palavras trocadas, há de ser velho, caduco e reformado, e ainda se recordará do mavioso diálogo, como estará ela agora, passados todos estes anos.

A princesa já não pensa nos homens que viu na estrada. Agora mesmo se lembrou de que, afinal, nunca foi a Mafra, que estranha coisa, constrói-se um convento porque nasceu Maria Bárbara, cumpre-se o voto porque Maria Bárbara nasceu, e Maria Bárbara não viu, não sabe, não tocou com o dedinho rechonchudo a primeira pedra, nem a segunda, não serviu com as suas mãos o caldo dos pedreiros, não aliviou com bálsamo as dores que Sete-Sóis sente no coto do braço quando retira o gancho, não enxugou as lágrimas da mulher que teve o seu homem esmagado, e agora vai Maria Bárbara para Espanha, o convento é para si como um sonho sonhado, uma névoa impalpável, não pode sequer representá-lo na imaginação, se a outra lembrança não serviria a memória.

**Vocabulário:**

atoleiros (linha 1) — lugares de solo mole, pantanoso.

gravetos (linha 2) — galhos finos e secos de árvore ou arbusto.

ledice (linha 9) — alegria.

**Apresente, de forma clara e bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.**

1. Vários são os imprevistos da viagem que a princesa e a sua comitiva fazem, de Montemor a Évora.

Refira três desses imprevistos, fundamentando a sua resposta com elementos do texto.

2. Explique o sentido do seguinte excerto: «turbou-se de tão lastimoso espetáculo de grilhetas, em véspera das suas bodas, quando tudo devia ser ledice e regozijo» (linhas 8 e 9).

3. Identifique um dos recursos de estilo presentes no último parágrafo do texto e comente a respetiva expressividade.

4. Divida o texto em partes lógicas e apresente, para cada uma delas, uma frase que sintetize o respetivo conteúdo.

**Grupo II****A**

**Escolha múltipla – Assinale uma única resposta na folha do seu teste:**

1. Blimunda, personagem com um papel muito significativo na obra Memorial do Convento, de José Saramago, passa a ser chamada de «Sete-Luas» a partir de determinado momento da sua vida. O padre Bartolomeu Lourenço deu-lhe aquele nome porque a personagem

- a) Nasceu num dia de lua cheia
- b) Enamorou-se de Baltasar na sétima noite da semana
- c) Vê às escuras

2. Que razão levava D. João V a prometer construir o Convento de Mafra a frei António de S. José?

- a) Porque se encontrava gravemente doente
- b) Porque desejava ter um filho
- c) Porque pretendia cair nas graças do Santo Ofício

3. A máquina de voar construída pelo padre Bartolomeu Lourenço necessita das vontades dos homens e das mulheres recolhidas por Blimunda. Serão as vontades fundamentais para voar,

- a) Se concertadas com as forças do sol, do âmbar e dos ímanes
- b) Porque representam as forças indomáveis
- c) Dado que não se vêem

4. O narrador do Memorial do Convento refere a determinado momento: «Parece apenas um gracioso jogo de palavras, um brincar com os sentidos que elas têm, como nesta época se usa, sem que extremamente importe o entendimento ou propositadamente o escurecendo». Com que movimento literário se identificam estes hábitos da época?

- a) Classicismo
- b) Barroco
- c) Romantismo

5. Em 22 de Outubro de 1730, dia da sagração do Convento de Mafra, Baltasar mantém-se desaparecido depois de ter visitado a «passarola». Pretende a obra circunscrever-se ao memorial de um convento?
- a) Sim
  - b) Não, porque há outras memórias históricas dispersas na obra
  - c) Não, o voo do homem e a capacidade de sonhar contrabalançam com o peso histórico associado à construção do Convento de Mafra

**B****Leia o texto com muita atenção**

“Já Álvaro Diogo está contratado, talha por enquanto a pedra que é trazida de Pêro Pinheiro, grandes blocos transportados em carros puxados por dez ou vinte juntas de bois, enquanto outros operários partem com os malhos a outra pedra grosseira que há de servir para alicerces, este de quase seis metros de profundidade, metros é o que dizemos hoje, que então tudo se media a palmos, afinal continua a ser por eles que se medem os homens, os grandes e os pequenos, por exemplo, mais alto é Baltasar Sete-Sóis que D. João V, e não foi rei, e Álvaro Diogo, não sendo fraca figura, é pedreiro de obra grossa, ali está martelando a pedra, desbastando à face, mas este virá a fazer mais do que isto, tendo ajudado a pôr umas sobre outras, será no futuro canteiro e lavrante, porém é já real trabalho levantar uma parede direita, a fio-de-prumo, não esse ofício de sarrafos e pregos, como os carpinteiros que andam a carpintear aquela igreja de madeira, onde se celebrará o ato da bênção e da inauguração, quando el-rei vier.”

**Para cada item escreva a letra correspondente:**

1. Na afirmação “Mas **este** virá a fazer mais do que **isto**”, os pronomes destacados referem-se respectivamente
  - a. a Pêro Pinheiro e ao ato de puxar juntas de bois
  - b. a Baltasar e à sua tarefa de martelar a pedra
  - c. a Álvaro Diogo e ao ato de puxar juntas de bois
  - d. a Álvaro Diogo e ao ato de martelar a pedra
  - e.
2. Na expressão “metros é o que dizemos **hoje**”, o advérbio de tempo destacado refere-se
  - a. ao tempo da história da construção do convento
  - b. ao tempo psicológico das personagens referidas
  - c. ao tempo da escrita do romance (séc. XX)
  - d. ao ano de 2013
3. A frase “ali está martelando” traduz uma acção
  - a. posta em prática, no momento
  - b. repetida, do passado ao presente
  - c. momentânea, no passado
  - d. iniciada, no passado
4. A palavra destacada na expressão “como os carpinteiros **que** andam a carpintear aquela igreja” é
  - a. uma conjunção subordinativa integrante
  - b. um pronome relativo
  - c. uma locução subordinativa consecutiva
  - d. um pronome indefinido

5. As expressões “outra pedra grosseira que há de servir para alicerces”, “mas este virá a fazer mais do que isto” e “onde se celebrará o ato da bênção e da inauguração, quando el-rei vier.”
- são exemplos da intervenção do narrador onisciente através do recurso a prolepses
  - são exemplos da intervenção do narrador, por meio de focalização interna, com recurso a prolepses
  - são exemplos da intervenção do narrador onisciente através do recurso a analepses
  - são exemplos da intervenção do narrador onisciente através do recurso a resumos
6. Na afirmação “é já **real** trabalho levantar uma parede direita, a fio-de-prumo” o adjectivo destacado tem um duplo sentido, uma vez que
- se refere à genuinidade/autenticidade do trabalho dos contratados para erguer o Convento de Mafra, ao mesmo tempo que remete para o facto de ser a mando do rei D. João VI
  - se refere à genuinidade/autenticidade do trabalho dos contratados para erguer o Convento dos Jesuítas, ao mesmo tempo que remete para o facto de ser a mando do rei D. João V
  - se refere à genuinidade/autenticidade do trabalho dos contratados para erguer o Convento de Mafra, ao mesmo tempo que remete para o facto de ser a mando do rei D. José I
  - se refere à genuinidade/autenticidade do trabalho dos contratados para erguer o Convento de Mafra, ao mesmo tempo que remete para o facto de ser a mando do rei D. João V

### Grupo III

Tendo em conta o excerto de “Memorial do Convento”, relativo ao grupo I, a reflexão da princesa Maria Bárbara — «teriam feito bem melhor se me casassem na primavera» (linhas 10-11) — revela que outros, e não ela, é que decidiram sobre o seu casamento. O mesmo não se passa com o casal Baltasar e Blimunda, cuja relação não foi imposta e na qual ninguém interfere.

Fazendo apelo à sua experiência de leitura de Memorial do Convento, comente, num texto de **cento e vinte a duzentas palavras**, a relação amorosa de Baltasar e Blimunda.

**FIM**

**Grupo I**

1. A resposta deve contemplar três dos seguintes aspetos ou outros considerados igualmente relevantes:

- condições climáticas adversas — «voltou a chover» (linha 1), «esta chuva», «este frio» (linha 10);
- consequência dessa precipitação — «os atoleiros» (linha 1);
- desgaste do meio de transporte — «eixos» que se partem e «raios das rodas» que se racham «como gravetos» (linha 2);
- visão perturbadora de um «pardo ajuntamento de homens, alinhados [...] e atados uns aos outros por cordas» (linhas 6-7).

2. A resposta deve contemplar a ideia de contraste entre a vontade de festejar a anunciada felicidade «das suas bodas» (linha 9) e a visão da realidade brutal (a constatação da escravatura de homens no trabalho de construção do convento) negativamente conotada pelo adjetivo «lastimoso» (linha 8) e pelo nome «grilhetas» (linha 9).

3. A resposta deve contemplar apenas um dos recursos de estilo presentes no último parágrafo do texto e o comentário da respetiva expressividade:

- a construção anafórica — «Maria Bárbara não viu, não sabe, não tocou [...] não serviu, não aliviou, não enxugou» (linhas 24-26) — realça o forte contraste negativo entre a indiferença da princesa perante construção do convento e essa construção como fonte de desgosto e de sofrimento para os trabalhadores;
- a comparação — «o convento é para si como um sonho sonhado» (linhas 27-28) — sublinha que o convento não faz parte da realidade de Maria Bárbara. É uma espécie de sonho inconsistente, sem imagens; «sonho sonhado» — redundância que reforça o afastamento do real;
- a metáfora — «uma névoa impalpável» (linha 28) — traduz a incapacidade de Maria Bárbara para representar o convento. Este, apesar de existir porque Maria Bárbara existe, não é, para a princesa, mais do que essa «névoa» abstrata.

4. A resposta deve apresentar frases que sintetizem o conteúdo de cada uma das partes encontradas:

- os contratempos surgidos durante a viagem da princesa de Montemor a Évora (1.º e 2.º períodos do 1.º parágrafo);
- a curiosidade e a perturbação que a princesa revela perante o «pardo ajuntamento» (linha 6) e o amor do oficial pela princesa (último período do 1.º parágrafo e o 2.º parágrafo);
- a reflexão em torno do desinteresse da princesa por um convento que está a ser construído para celebrar o seu nascimento (3.º parágrafo).

**Grupo I**

**A** – 1. C; 2. B; 3. A; 4. B; 5. C

**B** – 1. D; 2. C; 3. A; 4. B; 5. A; 6. D

**Grupo III**

Sugestão de tópicos de abordagem:

- amor verdadeiro;
- sexo carnal;
- comunhão de corpos e almas;
- entrega total;
- plenitude.